

KEIDI MENDES

**AS IDENTIFICAÇÕES DIANTE DE PROCESSOS DE
ESCOLHA PROFISSIONAL**

Monografia de conclusão de Curso de Especialização em Psicologia Clínica:
Teoria Psicanalítica

Orientadora: Professora Doutora Carmen Lucia Montechi Valladares de Oliveira

COGEAE-PUC/SP

2013

Mendes, Keidi. **As identificações diante de processos de escolha acadêmicas**. Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica, 2013.

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo compreender o percurso empreendido pelo jovem em direção a suas escolhas acadêmicas, considerando que na contemporaneidade essa construção acontece na formulação da identidade. Ele parte do pressuposto freudiano de que na situação edípica, a partir das identificações com as figuras parentais, são definidas as posições subjetivas dos sujeitos em relação à escolha de objeto.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica da literatura freudiana sobre a os conceitos de eu, complexo de Édipo e identificação.

Palavras-chave: Identificação, Identidade, complexo de Édipo.

Agradecimentos

Agradeço

A Professora Doutora Lucia Montechi Valladares de Oliveira pelo acompanhamento contínuo e apontamentos necessários para evolução e qualidade do trabalho;

Ao Artur, pela presença, amor e dedicação;

Aos meus pais e sogros pelo cuidado carinhoso.

Aos professores deste curso, em especial Julieta Jerusalinsky, Oscar Miguelez,

Aos meus amigos Sérgio Rodrigues de Araújo e Andrea Barros pela importância da troca, cooperação e respeito e, aos demais colegas pela troca de conhecimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	PÁGINA
1 Da exogamia totêmica a legislação	8
1.1 A Descoberta da Consciência	11
1.2 A Consciência como uma das partes do Eu	15
2 Complexo de Édipo	21
2.1 Dissolução do Complexo de Édipo	23
3 Identificação	26
3.1 A identificação Presente num caso de Histeria “Bela Açougueira”	27
3.2 Identificações Primárias	28
3.3 Identificações Narcísicas	30
3.4 Identificações Secundárias	34
3.5 A saída de Édipo por identificação	36
4 Psicologia das Massas	38
Considerações Finais	44

Introdução

Meu tema de pesquisa surgiu de minha experiência em atendimentos de jovens que diante de escolhas acadêmicas questionam a sua identidade.

Neste trabalho me deparei com jovens frente à tomada de decisões que implicam num futuro profissional. A justificativa pela procura de atendimento é num primeiro momento anunciada como uma busca pela satisfação plena. Nos plantões psicológicos e grupos de orientação vocacional trazem também expectativas de pessoas que cercam seu convívio, conflitos familiares acompanhados das dificuldades de vivenciar a transição entre a juventude e a fase adulta.

Estes alunos vêm de diversas instituições, sendo elas públicas ou particulares. Os atendimentos acontecem com os alunos que estão no último ano do ensino médio ou o tenham concluído, e pretendem principalmente, concursos públicos, ingressos em universidades públicas e privadas (desde que sejam contemplados pela isenção de mensalidade pelo Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM ou uma universidade que possua uma boa classificação pelo MEC). Abrange também os alunos da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) que lecionam para estes alunos, sendo estes, alunos da graduação e pós-graduação de mestrado e doutorado.

Trata-se de um momento de vida de muita fragilidade, pois muitos nunca tiveram a oportunidade de um confronto com suas próprias escolhas e desejos. Diante da oportunidade deste possível primeiro confronto, um olhar para si e para sociedade vem encobrendo os processos identificatórios ao longo da história de vida de forma que o passado e o presente são sentidos como momentos sem uma construção no tempo.

Diante deste contexto, abrangerei alguns aspectos que possibilitam a construção da identidade. Como entender a problemática da passagem da adolescência para a vida adulta? Teria a psicanálise elementos para contribuir nessa reflexão?

O significado da adolescência utilizado nos dias de hoje passou por muitas mudanças e também por lugares sociais diferentes na história. Segundo

Ariès (1981, p.10), “Até o final do século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância”.

Na Idade Antiga, a passagem para um mundo adulto era rápida, pois ser alguém consistia em passar pela primeira infância e suportar todas as doenças que os bebês frágeis eram acometidos. Estes também precisariam sobreviver à falta de cuidados não adaptados a total dependência de sua condição.

Os limites entre uma idade e outra são delineados na Idade Média, com as chamadas “Idades da Vida”¹. Elas se estabeleciam por septênios acompanhadas de funções sociais.

Houve uma mudança na periodicidade da infância na sociedade do século XVII. Um significado mais moderno dado pela sociedade burguesa não atribuía a saída da infância pelo anúncio de fenômenos biológicos, mas sim pela saída da dependência. Com isso, a infância passa a ter uma duração mais longa.

Sempre de acordo com Ariès (1981), no século XVIII prefigura-se a terminologia adolescente. A juventude, que até então era a única terminologia existente nesta época, torna-se um fenômeno banal após a guerra de 1914. Da oposição dos combatentes frente às velhas gerações da retaguarda surge um sentimento comum e consciente da juventude aos ex-combatentes. Esta consciência possibilitou um distanciamento maior entre infância e maturidade e expandiu-se também para o conceito de casamento. O que era então estabelecido e interrompido pelo matrimônio passa a ter uma imposição de valores e costumes, marcando uma predileção por esta nova fase que começava a ter um novo significado.

As fases no desenvolvimento humano também foram reguladas pela educação. Os estudantes que, antes do século XV, eram educados por companheiros camaradas reconhecidos pelo senso comum, passaram – com a anarquia do final da Idade Média – a ter uma organização escolar pelo

¹ As faixas etárias: *enfant* (0 - 7 anos), *pueritia* (7 - 14 anos), *adolescencia* (14 - 28 anos), *juventude* (28 -45 anos), *senectude* (45 - 70 anos), *velhice* (50 – 70 anos) e *senies* (entre a velhice e a morte). Nota-se que não há uma divisão clara entre *adolescência*, *juventude*, *senectude*, *velhice* e *senies*

comando da hierarquia autoritária. No absolutismo monárquico, a disciplina era dos mestres onde lhe eram atribuídos à responsabilidade pela alma dos alunos, a punição e a instrução. A submissão dos jovens diante deste regime marcava uma polaridade da fraqueza da criança e uma maior disciplina comparada aos adultos.

Estendida para o século XVI, Ariès (1981) assinala que este modelo de educação deixa de ser reservado apenas para crianças pequenas e passa a contemplar uma maior faixa de idade, estendendo-se e até ultrapassando vinte anos. Com a infância prolongada o distanciamento do mundo adulto se torna maior.

Tomando a França como modelo para sua análise, o autor assinala que no século XVIII, as humilhações que até então as crianças eram submetidas, preocuparam a coletividade. Com a supressão do regime escolástico, a reorganização escolar passou a ser feita pelas autoridades. Isso contribuiu para que o sentimento de infância não fosse o de fraqueza, mas de um despertar para as responsabilidades do mundo adulto. Com este novo modelo de formação novas etapas foram criadas cuidadosamente para que o conhecimento não fosse mais brutalmente imposto. Assim, instituído, perpetuou triunfante no século XIX.

É importante ressaltar o contraste cultural entre os povos. No século XXI espera-se nos bebês que cresçam, tenham saúde e conquistem um lugar no mundo, enquanto que por volta do século XVI:

“(...) ao contrário, a vida era uma continuidade inevitável, cíclica, às vezes humorística ou melancólica das idades, uma continuidade inscrita na ordem geral e abstrata das coisas, mais do que na experiência real, pois poucos homens tinham o privilégio de percorrer todas as idades naquelas épocas de grande mortalidade.” (Ariès, 1981, p. 9).

O contexto histórico pressupõem um passado e um presente que se constrói, dando a cada época uma identidade cultural com modificações das experiências que a cercam.

A identidade cultural se articula também com a construção da identidade de cada indivíduo e, de acordo com Cunha (2009, p. 39), “se aproxima

radicalmente do campo do eu e da consciência”. Esse autor sustenta, apoiado em Freud, que a construção de um eu forte que sobrevive a ausência e a presença do outro sem sucumbi-la é que permite a relação com o outro. E, é a partir da confiança na possibilidade de enfrentar ausência e presença que haverá uma “base para experiência identitária”.

“No centro de tal concepção da identidade, como de toda a argumentação em torno da experiência subjetiva da modernidade, aparece o eu, em um sentido muito próximo da instância apresentada por Freud em sua segunda tópica, mas com uma vinculação maior ao que ele chamou em seus primeiros inscitos, e em particular na Interpretação dos Sonhos, de sistema pré-consciente/consciência, lugar da vontade, da razão e da consciência moral”. (Cunha 2009, p. 42).

Cunha (2007) examina a identidade e como ela implica na experiência subjetiva do sujeito e suas relações com a consciência e razão. Segundo o autor, no mundo contemporâneo, a ideia de identidade aparece de forma preponderante como a construção de si mesmo e posicionamento no mundo, ou seja, a inteligibilidade sobre si “apoiada em valores como previsibilidade e controle de um sujeito da razão e da consciência”. Esta relação abre a questão sobre o inconsciente e a valorização das fantasias, bem como uma compreensão de novos sofrimentos psíquicos e seu impacto na clínica psicanalítica.

Sustentado no trabalho do sociólogo Anthony Giddens (1991), ele analisa o vínculo entre perspectiva identitária e experiência moderna, ou seja, o registro subjetivo no cotidiano diante da transformação social e sua representação. É especificamente na instituição do Estado moderno – a partir do século XVIII com a instância da soberania – que o homem começa a ocupar uma posição central na organização, proporcionando uma mudança de experiências no tempo e espaço. Nessa nova experiência do sujeito, pode haver um deslocamento do tempo e do espaço tendo como consequência uma ausência da categoria de lugar.

“(…) a confiança deixa de ser referida à tradição ou aos sistemas religiosos, para se vincular ao que o autor denomina sistemas abstratos, que são os sistemas peritos, materializados nas novas

disciplinas científicas, e as fichas simbólicas, cujo modelo paradigmático é o dinheiro”. (Cunha, 2007, p. 3)

A ausência de lugar então tem relação com a confiança que, deslocada de instâncias de garantias para sistemas abstratos, liga-se ao conhecimento adquirido e a previsão de futuro. O que causa uma instabilidade no Eu, pois é na confiança básica² entendida como adaptação à realidade e previsibilidade nas relações que se articula a percepção de si mesmo.

De outra forma dita, partindo da formação da confiança básica, que Giddens aproxima da consciência, Cunha à articula com a formação do Eu freudiano em seu desdobramento do princípio de prazer para o princípio de realidade, resultando dessa operação 3 movimentos: do consciente para o inconsciente, do eu para o outro e da representação para pulsão. . “É na economia das intensidades no psiquismo e na constatação de que o aspecto crítico se dá pela irrupção da pulsão e pela necessidade de investimento libidinal em objetos sempre parciais”. (Cunha, 2007, p.7)

Os efeitos dessa realidade psíquica permitiu a Cunha (2007) fazer uma leitura da subjetivação a partir da consciência. Tal subjetivação – que dentro do conceito freudiano é nomeada inconsciente – continha imaginações, afetos e angústias distantes da consciência.

No deslocamento do Eu do sujeito para o outro, nesse encontro com o outro – percebido também na atenção flutuante do analista – fica evidente o inconsciente a partir de sintomas, atos falhos e fantasias, assim como a problemática do narcisismo, que será desenvolvida por Freud em 1914.

Contudo, há uma perda na autonomia do Eu e da sua capacidade originária. Ele passa então, a depender de investimentos objetivos e da intensidade que circula no psiquismo. Esta condição contribui para que ele passe a constituir uma história de amor e ódio com o outro. Outro este, que lhe empresta sua imagem como possibilidade de integração no Eu.

² De acordo com Cunha a noção de “confiança básica” utilizada por Guiddens é emprestada a Winnicott e Ballint e pode ser “definida como crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema”, e através dela, a criança pode “articular a percepção de si mesmo com um ser separado da mãe, íntegro e capaz de sobreviver na sua ausência, e a própria experiência da partida e volta desse protetor” (Cunha, 2007, p. 6)

Desta forma, a dimensão econômica do psiquismo com suas intensidades produzem sentidos onde a consciência só é possível diante de um recalque permanente.

Já no que se refere no deslocamento do sujeito: da representação para pulsão, Cunha (2007), menciona a impossibilidade de a representação integrar a pulsão de morte. Com força de ruptura e dispersão, a pulsão de morte entra neste confronto de forças e dimensão econômica do psiquismo e no cerne das experiências de formação do Eu.

O jogo dessas intensidades não ligadas aparece na obra de Freud (1915), na formação do eu e diferença entre sujeito / objeto. É na passagem de um eu-realidade originário a um eu-prazer, e depois a um eu-realidade definitivo, que liga-se à própria distinção de um princípio da realidade.

Cunha (2007) ressalta ainda que, de acordo com a obra freudiana, na construção do Eu, o sentimento de segurança pode ficar comprometido. Com o excesso pulsional a produção de angústia não se separa do funcionamento de defesa. O excesso implicaria, então em: perda de contato com a realidade, empobrecimento erótico e diminuição da libido.

Contudo, até que possamos ter consciência de nós mesmos, ou construirmos nossa identidade, um processo constitucional para formação do eu, que antecede até mesmo o da identidade de percepção acontece. Ele depende de processos psíquicos que operam de forma dinâmica.

Para compreender melhor esses processos psíquicos, dividirei o trabalho em quatro capítulos.

No primeiro será trabalhado o texto *Totem e Tabu* (1913), onde Freud abre a possibilidade de pensar, como diz Enriquez (1999), a relação do sujeito com o social, partindo da hipótese de que o desenvolvimento do indivíduo repete os estágios da evolução da espécie. Me utilizarei também da descoberta da consciência e suas vicissitudes a partir da instituição da exogamia e seu impacto na sociedade através regras que circunscrevem a cultura.

No segundo capítulo, me utilizarei da representação inconsciente dentro no Complexo de Édipo como organizador da vida psíquica e estabelecimento das identificações.

No terceiro tratarei dos tipos de identificações Primárias, Narcísicas, Secundárias, onde sucessivamente há uma escolha anterior a qualquer catexia de objeto, o objeto perdido reconstitui-se no eu, é possível diferenciar a catexia de objeto a partir da diferença dos sexos e posteriormente como esses aspectos contribuem para a saída de Édipo.

Por fim no, quarto capítulo, me utilizarei do texto da *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921) em oposição à psicologia individual, indicando que a psicologia individual é ao mesmo tempo social. Sua importância está na identificação onde é expressa através do laço emocional com outra pessoa.

Capítulo 1 – Da exogamia totêmica a legislação

No terreno das relações humanas não há como afirmar que cada sujeito tenha em si ou procure no outro, expressões ou manifestações totalmente livres de interferências externas, posto que desde que nascemos dependemos do cuidado do outro para nossa sobrevivência, como também nos constituímos através desta relação.

Segundo Freud (1913), o caminho percorrido pelo homem primitivo e sua organização social ao longo do tempo permitiram, analogias com as fases de desenvolvimento libidinal e o impacto da exogamia.

A referência de igualdade e de diferenciação, que liga um sujeito ao outro tem sua origem na história. A fim de tentar entender as questões da psicologia individual e social, a psicanálise se apoia nas raízes etnopsicológicas.

Foi o caso em *Totem e Tabu* (1913), onde Freud estudou a construção dos laços sociais a partir do estudo etnopsicológico do desenvolvimento social dos grupos de aborígenes, provenientes da Austrália. A base de ligação entre esses integrantes era pela representação de um totem, ou seja, um ancestral comum com um espírito protetor. A divisão das tribos em clãs se diferenciava na transmissão da cultura dos totens onde cada clã cuidava para o cumprimento das obrigações que cercavam seu simbolismo.

A compreensão desses fenômenos tabus e totêmicos , segundo Enriquez (1999), traçou uma nova via:

“(...) a da especulação filosófica, da reflexão sobre o social e a cultura, e, sobretudo da exploração do que resiste à análise, daquilo que impede radicalmente a felicidade da humanidade: a presença persistente do desejo de assassinar”. (Enriquez 1999, p. 29)

A instituição da exogamia fazia parte das proibições do totemismo e esta lei, que proibia os membros do clã de terem relações sexuais com os outros membros do totem, tinha consequência. Seus integrantes eram perseguidos e

mortos. Tal impedimento os aproximava da tentação, da mesma forma que precisavam se proteger dela.

Para que não houvesse incesto, seus descendentes de herança matrilinear herdavam o nome do pai. E, diante do anúncio da puberdade, (o que podemos pensar como um marco na entrada da adolescência em nossa sociedade) a diferença entre os sexos marcava o distanciamento e o tratamento com nenhuma intimidade na relação familiar. Esse distanciamento marcava também a diferença pelo reconhecimento das relações de parentesco e gerações, o que contribuía para uma consciência mais abrangente da proibição.

Essas regras percorreram outros povos de formas diferentes, mas com o mesmo grau de impedimentos e, sua importância para psicanálise está nos anseios incestuosos, pois na interdição do incesto – regra que nos inscreve na cultura – se funda a renúncia ao parricídio, que é essencial para o processo civilizatório, e conseqüentemente, o estabelecimento da neurose. De acordo com Enriquez (1999 p. 36), o primeiro drama da humanidade é a tentação da proibição do incesto e seu desejo de transgredi-lo. Se assim o fizer, o homem deverá assumir as conseqüências de destruição da sociedade e dele próprio.

O tabu – como código de leis mais antigo existente – contempla uma oposição entre o sagrado e o impuro. Sua permanência, mantida pela expiação, permite que diante da violação do tabu, o infrator também se torne o próprio tabu. As proibições contidas nele se tornam fruto da ambivalência emocional, onde na sua base há uma forte inclinação inconsciente.

A violação do tabu tem nos povos primitivos um caráter egoísta e de autopreservação e imposta por uma autoridade externa se volta contra os desejos do ser humano.

“A vontade de transgredi-lo continua a existir no inconsciente; aqueles que obedecem ao tabu têm uma postura ambivalente quanto ao alvo do tabu. (...) Expiar a violação do tabu com uma renúncia mostra que na base da obediência ao tabu se acha uma renúncia”. (Freud, 1913/2011, p. 65)

Na organização primitiva do tabu, outra restrição tem importância no sentimento de fraternidade vista nos dias de hoje. Ela é representada pelo assassinado do pai da horda. Este evento é marcado por um pai violento que reserva para si o direito de possuir todas as fêmeas. Restritos às regras do sistema totêmico, os filhos crescem e se revoltam contra ele. Então, de acordo com Freud (1913), expulsos após atingirem determinada idade, “se juntaram, abateram e devoraram o pai, terminando com a horda primeva”. Este ato, segundo Enriquez (1999) “preside o nascimento do grupo”, das instituições sociais e da “regulação da rivalidade dos irmãos para a obtenção de mulheres”.

“No tabu, o contato proibido tem, claramente, não apenas sentido sexual, mas, sobretudo o significado mais geral de ataque, de apoderamento, de afirmação da própria pessoa. Se é proibido tocar no chefe ou em algo que com ele esteve em contato, deve-se impor, com isso, uma inibição ao mesmo impulso que outras vezes se exprime na desconfiada vigilância do chefe, e mesmo nos maus-tratos físicos dele. Assim, a preponderância dos elementos instintuais é o fator característico da neurose”. (Freud 1913/2011, p. 119)

O pai, como um modelo temido e invejado pelos irmãos, desperta nos filhos após o ato de assassinato, a identificação e o sentimento de culpa. No ato de devorá-lo, apropriam-se de parte de sua força e, satisfeitos, o desejo de ser como ele. O sentimento de culpa, após este ato, permitiu que os irmãos revogassem a proibição de assassinar o substituto do pai através da renúncia e obediência. A proibição do incesto vem como consequência, pois, precisaram com este ato de assassinato do pai, renunciar as mulheres que desejavam. Esses sentimentos contraditórios em relação ao pai constituem a base para o complexo paterno das crianças e dos neuróticos.

“Aquilo que antes ele impedira com sua existência eles proibiram então a si mesmos, na situação psíquica da “obediência a posteriori”, tão conhecida nas psicanálises”. (Freud 1913/2011, p. 219)

O sistema totêmico, segundo Freud (1913/2011, p. 220) expressa um contrato com o pai e ao mesmo tempo apresenta elementos que fundamentam o nascimento da religião. A consciência de culpa dos filhos e a necessidade de exteriorizar o arrependimento através da reconciliação com o pai que “concedia tudo o que na fantasia da criança podia dele esperar, proteção, cuidado,

indulgência” com o objetivo de honrar sua vida e não repetir o ato real de assassinato.

Contudo, a criação dos dois tabus fundamentais do totemismo contribui para o início da moralidade. A relação com o totem fundamenta todas as obrigações sociais. De acordo com Freud (1913/2011, p. 15), “o tabu ainda subsiste em nós”, mesmo sendo dirigido a outros conteúdos, continua sendo um imperativo categórico que tem ação coerciva com rejeição de motivações conscientes.

1.1 – A descoberta da Consciência

Para dar início à descoberta da consciência, me utilizarei num primeiro momento do testemunho da linguagem presente na obra de Freud (1913/2011, p. 112) como “aquilo que se sabe com a maior certeza”. E, é na fase animista, que o saber de todas as coisas era evidente ao homem primitivo.

De acordo com Freud (1913), nesse sistema de pensamento, precedido da religião e da ciência, a onipotência dos pensamentos e a prática de sugestão desempenham um papel impositivo com o objetivo de assenhorar-se dos homens, coisas e animais, ou de seus espíritos. Era através dela que, segundo Freud (1913/2011, p. 144) “o homem primitivo deslocava relações estruturais de sua própria psique para o mundo exterior”.

A “onipotência dos pensamentos” é uma expressão de um paciente de Freud (1913). Ela tem a capacidade de transformar ideias através do desenvolvimento da fala em fenômenos reais a partir da relação e, objetiva dominar o comportamento e a vida do outro.

O homem primitivo utiliza-se dessa técnica para mostra-nos através da magia a imposição sob as coisas reais e, para isso, ele reserva toda sua onipotência de pensamento. Já com os espíritos, uma parte dessa onipotência é cedida para outro lugar.

Segundo Freud (1913/2011, p. 147), a importância da onipotência dos pensamentos e seu deslocamento, está na projeção. É diante do que “está

presente para os sentidos e a consciência junto a um outro que esse algo é latente, mas pode reaparecer”, que ele observa um movimento para fora de si. Nela, o sujeito desloca para o mundo exterior relações estruturais de sua psique através das percepções sensoriais, ficando evidente a existência de processos psíquicos inconscientes ao lado de conscientes. Freud (1913/2011 p. 147) reforça que a projeção trazia como vantagem um alívio psíquico e, durante o conflito dos impulsos não era possível à onipotência para todos eles.

Desta forma, ao lado da consciência, coexistia a percepção de lembrança ou, o inconsciente, que veremos com mais detalhe no próximo tópico. A relação entre as duas permitia excitações vindas da realidade externa e provocava sensações de prazer e dor.

Na obra freudiana, a onipotência dos pensamentos na atualidade, está na arte, pois, é o único campo da civilização onde se é mantido. Este, possui relação com o narcisismo pela sua projeção direta a serviço dos impulsos. Impulsos esses, que segundo Enriquez (1999, p. 41), no mundo moderno estão na política através da “magia das palavras” e no fascínio que elas exercem sobre as pessoas, permitindo aos dirigentes a glorificação do poder e a submissão diante das leis.

“A onipotência de pensamentos foi, supomos nós, expressão do orgulho da humanidade no desenvolvimento da fala, que resultou em tão extraordinário avanço das atividades intelectuais”. (Enriquez 1999, p. 41)

A fé na onipotência dos pensamentos do homem primitivo que, em grande medida é sexualizado, é relacionada por Freud (1913/2011, p.140), em sua teoria sobre *Três Ensaios de uma teoria da sexualidade* (1905). Nessa obra, ele percebe que as manifestações dos instintos sexuais não se dirigem para um objeto externo e que elas trabalham por si mesmas na obtenção de prazer. “Esse é o estágio do autoerotismo, que é sucedido pelo da escolha de objeto”. (p.140)

Na decomposição entre os estágios de autoerotismo e escolha de objeto, outro estágio intermediário foi percebido. Os instintos sexuais, que antes separados se juntavam em uma unidade, encontravam um objeto que

não era externo ao indivíduo e sim, o próprio Eu. A fixação desse estado foi denominada mais tarde por ele como narcisismo. Partindo desse pressuposto, ela relaciona o narcisismo ao homem primitivo animista.

Posterior à fase animista, encontramos a religiosa, que é relacionado por ele através da escolha de objeto, momento este, que o homem cede o poder aos deuses, mas continua exercendo sua influencia de outras formas. Na sequencia, entra a terceira fase, que é a concepção da ciência. Ele a relaciona esta última ao estado maduro do indivíduo. Nela, há uma adequação a realidade com a renúncia do princípio do prazer. A busca de objeto no mundo externo é o resultado da adequação do homem. Ele reconhece seu pequeno lugar através da submissão sem deixar de confiar no espírito humano.

Como vimos, esta renúncia do desejo é o fundamento para a compreensão do tabu e a base para sua constituição. É através dela que surge a consciência moral. A consciência do tabu e a consciência de culpa do tabu após sua transgressão é provavelmente a forma mais antiga encontrada do fenômeno da consciência.

A consciência, definida por Freud (1913/2011, p. 112) como “a percepção interna da rejeição de determinados desejos dentro de nós”, tem ênfase na rejeição que está segura de si mesma. Esta consciência da rejeição está presente na consciência de culpa, que é percebida através de uma condenação na concretização de determinados desejos.

A condenação aparece para impedir o desejo e, uma força suplementar completa o esforço repressor. Esta força, segundo Enriquez (1999, p. 38), “nada mais é que a consciência moral (produto do sentimento de culpa)”. A consciência dentro de si é uma justificativa da condenação e uma recriminação pelo ato que já efetuou.

Para primitivos e neuróticos, na raiz da proibição há um desejo mau, porém, no caso da neurose, é reprimido e deslocado pela representação hostil e pelo temor das consequências.

“Teme-se, entre os povos primitivos, que a violação do tabu acarrete uma punição, geralmente uma grave enfermidade ou a

morte. Tal punição cairá sobre aquele que se fez responsável pela transgressão. Na neurose obsessiva é diferente. Se o doente realiza algo proibido, ele não teme o castigo para si, mas para outra pessoa, que geralmente não especifica, mas que na análise é facilmente reconhecida como uma das mais próximas e mais amadas por ele”. (Freud 1913/2011, p. 117)

O complexo nuclear das neuroses é permeado pelos desejos incestuosos e pela “fuga da realidade insatisfatória para um mundo mais agradável na fantasia”. Este processo acontece da seguinte forma:

“Na raiz da proibição há normalmente um impulso mau – um desejo de morte – em relação a pessoa amada. Este é reprimido mediante uma proibição, e esta é ligada a uma determinada ação, que digamos, representa a ação hostil contra a pessoa amada, mediante deslocamento; a execução desse ato é ameaçada com pena de morte. Mas o processo vai adiante, o desejo original de que a pessoa amada morra é substituído pelo medo de que morra. Quando a neurose se revela tão afetosamente altruísta, portanto, ela está compensando a atitude oposta de brutal egoísmo que lhe é subjacente”. (Freud 1913/2011, p. 118)

A consciência das leis aparece de forma diferente entre os povos primitivos e neuróticos. Embora a organização da sociedade tenha por base, para ambos, o tabu, nos povos primitivos, ela tem consequências com base nos acontecimentos reais e na neurose, as consequências desses acontecimentos reais são secundárias.

De acordo com Freud (1913/2011, p. 137), o decisivo, na formação dos sintomas neuróticos, não é a realidade do viver, e sim, a do pensar. “Apenas o que é pensado intensamente e imaginado com afeto funciona para eles, a concordância disso com a realidade exterior é secundário”.

Desta forma, segundo Enriquez (1999, p. 36), o medo de contato e a evitação do mundo real pelos neuróticos apresenta uma semelhança com o medo de contato no tabu. “O encadeamento entre eles permite estudar a relação das neuroses com as formações culturais e por fim a evolução cultural”. A obra da civilização é em sua essência neurótica. “A aceitação da neurose coletiva é o preço a pagar para sair do reino da violência cega”.

1.2 – A consciência como uma das partes do Eu

O que é conhecido pela consciência não é o suficiente para explicar e tornar conhecido os atos psíquicos que pessoas comuns e sadias apresentam. O que ela abrange a cada instante é um pequeno conteúdo que proporciona no indivíduo o conhecimento dos próprios estados d'alma.

A ideia de inconsciente torna-se legítima diante das lacunas existentes nos dados da consciência, experiências cotidianas das quais não se conhecem sua origem e permanecem ocultos, e atos psíquicos privados da consciência.

“O direito de supor uma psique inconsciente e de trabalhar cientificamente com essa hipótese nos é contestado de muitos lados. A isso podemos replicar que a suposição do inconsciente é necessária e legítima, e que possuímos várias provas da existência do inconsciente. Ela é necessária porque os dados da consciência têm muitas lacunas (...).” (Freud 1915/2011, p. 101)

Lacan também tenta introduzir seu conceito sujeito do inconsciente, na linha da filosofia clássica, como assinala Roudinesco (2006, p.742), “no âmbito da teoria do significante, transformando o sujeito da consciência num sujeito do inconsciente”.

“(...) o sujeito é o homem mesmo enquanto fundamento de seus atos e pensamentos. Ele é o sujeito do conhecimento e do direito. Por sua reflexão, Lacan não busca ligar a segunda tópica (isso, eu, seupereu) a um eu [je], mas uma teoria filosófica do sujeito a uma teoria freudiana e hegeliana-kojeviana do sujeito do desejo”. (Roudinesco 2006, p. 82).

De acordo com Freud (1915), um ato psíquico passa comumente por duas fases em relação ao seu estado, entre as quais se coloca numa espécie de exame.

Num primeiro momento ele é inconsciente, pertence ao sistema inconsciente. Quando ele é rejeitado – porque não passa pela censura – torna-se reprimido, permanecendo no sistema inconsciente. Caso ocorra o contrário, de passar pela censura, fica num segundo sistema denominado consciente.

Contudo, segundo Freud (1915/2011, p.110) sua permanência no sistema consciente não o torna necessariamente consciente, mas capaz de consciência. “Tendo em vista esta capacidade de consciência. Chamamos o sistema Cs também de pré-consciente”.

“O sistema inconsciente fica localizado logo atrás do pré-consciente sendo que, apenas através deste último, tem acesso à consciência, e mesmo assim após ter-se submetido à sintaxe do pré-consciente.” (Garcia-Roza 1993, p. 164).

Nos sistemas inconsciente e consciente, segundo Freud (1915/2011, p.113) uma ideia podia existir simultaneamente em dois lugares e avançar de um lugar para o outro, sem perder o primeiro registro. Porém, diante da comunicação dessa ideia reprimida ao paciente, a sua condição de reprimida continuava a existir, só que de dupla forma em lugares diferentes no aparelho psíquico: “primeiro tem a lembrança consciente do traço auditivo da ideia (...) e também (...) a memória inconsciente do vivido”. (p.113)

As ideias eram passíveis de representação tanto pelo inconsciente como pelo consciente. Somente através da representação de uma ideia, instinto, impulso inconsciente e reprimido poderiam tornar-se conscientes. No entanto, no caso do instinto, se não tivesse preso a um representante ideativo não poderia tornar-se consciente.

Embora passíveis de serem sentidos, os afetos, sentimentos e emoções poderiam ser inconscientes. Neste caso, o impulso afetivo original reprimido ligava-se a outra representação e unia-se a outra ideia. A consciência, então, passaria a ter como referência a última representação que foi modificada e inibida em seu desenvolvimento do afeto.

Em relação à liberação de afeto, o sistema consciente e pré-consciente contribuem para compreensão das ideias substitutivas nos casos de doença. De acordo com Freud (1915/2011, p.118), a possibilidade do desenvolvimento do afeto partir do sistema inconsciente tem relação com o caráter de angústia, “pela qual são trocados todos os afetos reprimidos”. O impulso instintual precisa esperar até achar uma ideia substituta no sistema consciente. Deste

substituto, o afeto parte onde o caráter qualitativo é denominado de acordo com a sua natureza.

“Afirmamos que na repressão o afeto se separa de sua ideia, e depois os dois prosseguem para seus diferentes destinos. Em termos descritivos isso é indestrutível; via de regra, porém, o processo real é que um afeto não surge enquanto não é conseguida uma nova representação do sistema Cs”. (Freud 1915/2011, p. 118).

A partir de 1920, Freud formula sua segunda concepção do aparelho psíquico, pois, somente a diferença de consciente, pré-consciente e inconsciente não era o suficiente para a prática psicanalítica. As percepções externas com o eu eram nitidamente claras, enquanto a das relações internas precisaria de maior investigação.

As percepções internas pertenciam à série prazer-desprazer e poderiam ocorrer mesmo quando a consciência se achava nublada. Essas sensações viriam de vários lugares simultaneamente e tinham diferentes tipos de qualidade ou até mesmo opostas.

Enquanto as sensações de prazer não possuíam nada de aflitivo, as sensações desprazerosas tinham um alto grau de impulsionamento e aflição. Elas premiam por mudança e descarga. Desta forma, houve uma interpretação de forma quantitativa, onde o desprazer passa a possuir uma elevação da catexia energética e o prazer uma diminuição dela. Desta forma, Freud (1923/2011, p. 27) chama “o que se torna consciente como prazer e desprazer algo quantitativa – qualitativamente outro no curso psíquico”.

Na dúvida se algo poderia tornar-se consciente no próprio lugar, ou se precisaria ser conduzido pelo sistema pré-consciente Freud (1923/2011, p.27), percebe que na condução pelo sistema pré-consciente, “esse outro comporta-se como um impulso reprimido”. Sua força impulsiva se dá de forma que o Eu não nota a pressão. Ela só notada quando a resistência, pela detenção da descarga, torna este algo consciente como desprazer.

Tanto esses conteúdos quanto as tensões que surgem de necessidades físicas e sofrimento podem permanecer no inconsciente e passam pelo sistema

pré-consciente. A diferença entre ambas é que “se o caminho é barrado, não se produzem como sensações”. Desta forma:

“(...) falamos então de sentimentos inconscientes; conservamos a analogia, não inteiramente justificada, com ideias inconscientes. Pois a diferença está em que, para ideias, precisam antes ser criados elos que a conduzam ao Cs, e isso não vale para os sentimentos, que continuam diretamente”. (Freud 1932/2011, p. 27)

Como não ocorre o vínculo de ligação no sistema pré-consciente dos sentimentos, como nas ideias, a distinção de pré-consciente e consciente não tem significado para os sentimentos. Então, Freud (1923/2011, p. 37) leva em consideração uma nova entidade que tem início no pré-consciente e denomina de Eu; e, uma segunda existente no inconsciente denominada de Isso.

O indivíduo passa a ser examinado com um “id psíquico, desconhecido e inconsciente, sobre cuja superfície repousa o ego, desenvolvido a partir de seu núcleo, o sistema pré-consciente”.

“Um indivíduo é então, para nós, um Id (um algo) psíquico, irreconhecido e inconsciente, em cuja superfície se acha o Eu, desenvolvido com base no sistema Pcp, seu núcleo”. (Freud, 1923/2011, p. 30).

A parte do Id modificada pelas influências externas, mediada pelo pré-consciente – consciente, faz parte do Eu. Segundo Freud (1923/2011, p.31) ao Id, cabe o instinto, enquanto ao Eu, a razão, o controle e a transformação “em ato a vontade do Id”.

Na catexia de objeto, as necessidades eróticas do Id se dão juntamente com a identificação, porém, o ego, que inicialmente é fraco, se sujeita ou tenta um desvio pelo processo de repressão.

Quando há um abandono do objeto sexual, o ego é alterado, de forma que há uma instalação do objeto no próprio ego pela introjeção. Desta forma, Freud (1923/2011, p. 42) supõe que o “caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto”. Existem vários graus de resistência que decidem se um objeto é abandonado ou não. Eles definem o caráter de uma pessoa.

O domínio sobre o Id pelo ego representa a transformação da escolha objetal erótica numa alteração do ego. De acordo com Freud (1923/2011, p. 43), “quando o ego assume as características do objeto, ele está se forçando (...) ao id como objeto de amor e tentando compensar a perda”. Esta transformação é considerada por ele como libido narcísica. As catexias objetais abandonadas podem ser os efeitos das primeiras identificações vividas na infância.

Essa transformação da libido de objeto em libido narcísica representa o abandono das metas sexuais por via da sublimação, mas é um dos caminhos possíveis das identificações objetais.

As diferentes identificações objetais podem causar uma ruptura no ego e apoderarem-se sucessivamente da consciência. O conflito entre essas diversas identificações, em que o ego se separa, não podem ser descritos como patológicas.

As identificações das catexias objetais abandonadas são posteriores as identificações com o pai da pré-história pessoal, pois esta última se efetua de forma direta e primitiva. Mas as escolhas objetais que pertencem ao primeiro período sexual e são relativas a pai e mãe, reforçam a primária, pois encontram normalmente seu desfecho com as identificações com o pai da pré-história pessoal.

A identificação representada pelo pai da pré-história pessoal e que se fundamenta no totemismo, tem uma função energética reativa que é representada pelo superego. Segundo Freud (1923/2011, p.42-43), sua relação com o Eu não se esgota na advertência: “assim (como o pai) você deve ser; e ela compreende também a proibição: Assim (como o pai) você não pode ser”. Este duplo aspecto tem a função de reprimir o complexo de Édipo.

O superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir à repressão (sob a influência da autoridade do ensino religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência (consciente) ou, talvez, de um sentimento de culpa.” (Freud, 1923/2011, p. 47)

Sendo assim, a importância da descoberta do inconsciente nos permitiu uma percepção além do caráter imediato. Um estado transitório entre essas instâncias que produzem efeitos distantes da consciência permitem um acesso a intermináveis obscuridades. A diferença entre as instancias não deve ser atribuída somente ao homem primitivo, pois é uma expressão da influencia no mundo. O ego, como representante do mundo externo não exerce uma função direta, a não ser que essas experiências se repitam por muitas vezes de forma intensa que se transformam em experiências cujas impressões são preservadas no id.

Capítulo 2 - Complexo de Édipo

Como vimos no capítulo anterior, pertencentes ao primeiro período sexual, as escolhas objetais são primárias, e pode ser de natureza triangular dentro do complexo de Édipo.

No estágio de autoerotismo ao lado da organização da libido, para ambos os sexos, a primeira escolha de objeto amoroso é representado pela mãe, que possui o órgão nutridor. Num segundo momento, ainda na primeira infância, é estabelecida uma relação com o complexo de Édipo.

De acordo com Freud (1913/2011, p. 41), “a psicanálise nos ensinou que a primeira escolha sexual do menino é incestuosa, concerne aos objetos proibidos, à mãe e à irmã, e também, nos deu a conhecer as vias pelas quais ele se liberta, ao crescer, da atração do incesto”. Na natureza triangular do Complexo de Édipo, o pai desempenha o papel do temido adversário em relação aos desejos sexuais infantis.

Esta característica da sexualidade é marcada por dois tempos, com uma pausa entre eles. O primeiro acontece mais ou menos no quarto e quinto ano, quando alcança seu auge da sexualidade, e depois, o desabrochar termina quando os impulsos sucumbem à repressão. Ele acontece da seguinte maneira para o menino:

“Bastante cedo ele desenvolve um investimento objetal na mãe, que tem seu ponto de partida no seio materno e constitui o protótipo de uma escolha objetal por “apoio”; do pai o menino se apodera por identificação. (...) a identificação dos desejos sexuais pela mãe e a percepção de que o pai é um obstáculo a esses desejos, tem origem o complexo de Édipo”. (Freud 1923/2011, p. 39)

Desta forma, uma postura ambivalente em relação ao pai e a mãe marca o Complexo de Édipo. Com o pai, há uma identificação hostil. Ele quer substituí-lo junto à mãe e deseja a sua eliminação. Com a mãe, tem uma postura objetal terna. Este conteúdo do complexo de Édipo é tido como positivo e simples.

“A participação do sujeito infantil, nesse acontecimento, é concebida por Freud como totalmente passiva e de repercussão afetiva limitada, dada uma hipotética condição pré-sexual do momento evolutivo da criança. Essa cena adquire um caráter traumático a posteriori, ao ser ressignificada por uma segunda cena em que o sexual pode estar presente em forma alusiva e que acontece depois da maturação puberal.” (Fuks 2010, p.290)

Na menina, isso acontece de forma inversa. Ela se identifica com a mãe, com quem demonstra sua predominante hostilidade, e com o genitor do sexo oposto mantém uma ligação afetiva. Mas inicialmente, como vimos, à escolha objetal da menina também é a mãe, assim como no menino. Então, o que acontece com a menina neste percurso é diferente, pois o menino continua a ter a mãe como seu primeiro objeto de amor, e assim, continua sendo, até que o pai se torne um rival. No caso da menina, o pai é também um incomodo rival, mas não assume a mesma hostilidade como acontece com os meninos. De acordo com Freud (1923), a troca do objeto mãe pelo objeto pai é uma característica que tem seu significado no percurso da mulher. Esta ligação estendida com a mãe pode contribuir, mais tarde, para que jamais se volte realmente para um homem. Também pode explicar a forte dependência em relação ao pai, que é herdeira da forte ligação com a mãe. Contribui também para uma abrangência maior da relação das crianças dentro do complexo de Édipo com seus dois genitores.

No desenvolvimento sexual infantil uma organização genital foi estabelecida onde, apenas o genital masculino teve um papel atuante. A diferença entre os sexos, nessa época, não existia enquanto masculino e feminino, e sim, através da posse de um pênis ou a castração dele, que significa sua ausência.

A representação se dá pelo sexo masculino com apenas um órgão sexual diretor. A mulher com dois órgãos representados pela vagina e pelo clitóris, que é semelhante ao membro masculino. A vagina não existe até que na puberdade produz sensações. A garota então, se dá conta do seu ‘defeito’ ao avistar um órgão genital masculino, e sua expectativa de um dia ter um genital assim é conservada. Esta desvalorização da feminilidade é percebida através de uma natureza negativa e estendida a figura da mãe.

Freud (1923) também se atém aos casos de perversões e bissexualidade. No primeiro caso, ele nota um desprendimento da sexualidade dos genitais observados e explica como as manifestações de instintos parciais perseguem o prazer de forma autônoma, da mesma forma como nos primeiros tempos do desenvolvimento libidinal. Sobre a bissexualidade, ele atribui como sendo constitutiva e a mais completa no Complexo de Édipo, pois é posterior a primazia fálica e demonstra que, em cada pessoa existe um tanto da escolha de objeto homossexual. Esta última acontece da seguinte forma no menino:

“(...) o menino tem não só uma atitude ambivalente para com o pai e uma terna escolha objetual pela mãe, mas ao mesmo tempo comporta-se como uma garota, exhibe a terna atitude feminina com o pai e, corresponde a isso, aquela ciumenta e hostil em relação à mãe.” (Freud 1923/2011, p. 41)

Após primeiro período infantil, os impulsos reprimidos representam mais tarde o período de latência. Nele, se estabelecem as formações reativas, que são a vergonha e o nojo. No segundo período, que é a puberdade, os impulsos e investimentos objetais dos primeiros são reavivados. Há uma luta entre eles e as inibições do período de latência.

Desta forma, o complexo de Édipo é a expressão de dois desejos recalcados que são contidos nos dois tabus do totemismo que são: o desejo de incesto e o desejo de matar o pai. A teorização deste complexo leva a ocupação de um lugar importante na psicopatologia, tanto em relação à sexualidade quanto em relação à inserção cultural.

2.1 – Dissolução do Complexo de Édipo

O complexo de Édipo, representado pela angústia de castração, pelo resultado no reconhecimento da figura paterna e impedimento à realização do desejo incestuoso, tem uma consolidação.

A ausência da satisfação esperada dentro do complexo de Édipo resultaria num fracasso e abandono da afeição contida dentro dele. E Freud (1923/2011, p. 204), mostra que o fim deste complexo teria que acabar, pois

“chegou o momento de sua desintegração”, utilizando como exemplo a queda dos dentes de leite e o surgimento dos permanentes.

Vimos, que no complexo de Édipo, o menino pode identificar-se com a mãe ou com o pai. Porém, o mais comum, é a saída pela identificação com o pai. Essas identificações, “não correspondem à nossa expectativa, pois não induzem no Eu o objeto abandonado”. Elas dependem da “relativa força das duas disposições sexuais”.

“A menina pequena, que pretende ser amada pelo pai acima de tudo, algum dia sofre uma dura punição por parte dele e se vê expulsa do paraíso. O garoto, que vê a mãe como sua prioridade, nota que ela passa a dirigir seu amor e seu cuidado a um recém-chegado” (Freud 1923/2011, p. 204)

O desfecho dessas identificações, que sucumbem à castração, ocorre de maneira típica, e se apoiam nesses acontecimentos que retornam com frequência. O período de castração, como uma ameaça da perda de valiosas partes do corpo, possui experiências aflitivas que apoiam este acontecimento.

De acordo com Cromberg (2001, p.225) no menino, “o complexo de castração apressaria a resolução edípica”. No entanto, algumas experiências vividas por ele acarretam no temor da castração ou perda do pênis. Fazem parte dessas experiências a desaprovação do adulto diante da manipulação do genital por parte da criança e a incontinência noturna. A perda de uma parte valiosa do corpo é também vivida pela criança com a retirada do seio materno e a segregação do intestino, mas elas não remetem diretamente a castração. A incredulidade diante do órgão genital feminino também não tem efeito imediato sobre a castração, pois é somente depois que ele se dá conta de que um ser tão semelhante a ele não possui este órgão.

O pênis, com sua vaga relação sexual satisfatória, teve satisfação de duas formas no complexo de Édipo: uma ativa, relacionada à figura paterna e outra passiva, relacionada com a figura materna. Com a figura masculina, ele pôde experimentar ativamente o lugar do pai e relacionar-se com sua mãe e, com a feminina, substituir passivamente a mãe para ser amado pelo pai. A ameaça de perda do pênis aparece nas duas formas, sendo que na primeira

existe a consequência de castigo e a segunda, através do pressuposto da ausência do pênis.

De acordo com Freud (1923/2011, p. 209), após o abandono dos investimentos objetivos, entra como substituto, o processo de identificação. A introjeção no Eu, da autoridade do pai, forma o Super-eu, “que toma ao pai a severidade, perpetua a sua proibição do incesto e assim garante o Eu contra o retorno do investimento libidinal de objeto”. Sendo assim, as tendências libidinosas, em parte, são sublimadas e inibidas de sua meta. O processo salva o genital do perigo da perda, e ao mesmo tempo o paralisa diante de sua função.

“(...) a diferenciação do Super-Eu em relação ao Eu não é algo fortuito, representa os traços mais significativos da evolução da investigação da espécie; e, dando expressão duradoura à influência dos pais, perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem”. (Freud 1923/2011, p. 44).

Como vimos no tópico anterior, o complexo de Édipo também se desenvolve na menina de maneira diferente, embora nesse percurso ambos herdem a instância do Super-eu e o período de latência. Na anatomia feminina, o clitóris inicialmente se comporta como um pênis, mas quando comparada a ele, a menina se sente em desvantagem. Sua expectativa é de que quando crescer terá um também, sem entender como característica sexual. Seu entendimento é de detentora de um membro do mesmo tamanho que foi perdido com a castração. A menina aceita este fato como consumado e, diferente do menino, exclui o medo de castração.

Contudo, a renúncia do pênis não é aceita, e ela busca uma tentativa de compensação. Segundo Freud (1923/2011, p. 212) “a garota passa – ao longo de uma equação simbólica, poderíamos dizer – do pênis ao bebê”. Os desejos mantidos após o complexo de Édipo contribuem para o seu futuro papel sexual e, os desejos fortemente investidos do inconsciente se manifestam em realizações.

3 – Identificações

Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2011, p.60) Freud dedica um capítulo inteiro ao conceito de identificação. Neste capítulo, ele a reconhece “como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a outra pessoa”. O conhecimento dos estados d’alma, segundo Freud (1915) vem através do outro, com base nas manifestações que percebemos nele, de forma que:

“Psicologicamente mais correto seria talvez afirmar que sem maior reflexão nós atribuímos, a cada outro indivíduo, nossa própria constituição, e também nossa consciência, e que tal identificação é o pressuposto de nossa compreensão”. (Freud 1915/2011, pg. 105)

É por meio das identificações que os sujeitos se encontram e se discriminam. Ela é definida por Roudinesco (1994), como:

“Termo empregado em psicanálise para designar o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos ou traços dos seres humanos que o cercam.” (Roudinesco 1994, p. 363)

A identificação, um conceito essencial para a psicanálise, embora conceitualizada somente em 1921 no quadro da segunda tópica, esteve presente ao longo de toda a formulação freudiana. Ela aparece tanto nas reflexões que faz a Fliess, em torno da teoria da sedução, por volta de 1897 como na obra fundadora da psicanálise, *A Interpretação dos sonhos* (1900). No quadro da primeira tópica, ela opera desde a identificação primária que é imediata e localizada na pré-história do complexo de Édipo, passando pela narcísica, secundária até a saída de Édipo por identificação para ocupar lugar significativo em 1914, na teorização do narcisismo. Para a finalidade desta monografia serão analisados alguns momentos dessa trajetória, antes de refletirmos sobre esse conceito no contexto das massas, no capítulo 4.

3.1 – A identificação Presente num caso de Histeria “Bela Açougueira”

A primeira definição surge na *Interpretação dos Sonhos* (1900) quando uma de suas pacientes histéricas, especificamente a “bela açougueira” contradiz a afirmativa de Freud, de que os sonhos eram a realização dos desejos. Esta paciente, então, apresenta seu sonho a Freud:

“Eu queria oferecer uma ceia, mas não tinha nada em casa além de um pequeno salmão defumado. Pensei em sair e comprar alguma coisa, mas então me lembrei que era domingo à tarde e que todas as lojas estariam fechadas. Em seguida, tentei telefonar para alguns fornecedores, mas o telefone estava com defeito. Assim, tive que abandonar meu desejo de oferecer uma ceia”. (Freud 1900, p. 161).

Na interpretação deste sonho, Freud percebe que há mais sentidos, além da realização do desejo, há também uma renúncia e uma identificação com a amiga. Quando interroga sua paciente sobre o salmão, ela responde que salmão é o prato preferido de sua amiga do qual ela se priva. A mesma privação acontece com o caviar relatado em seu sonho a Freud. Ou seja, as duas têm em comum, um desejo insatisfeito.

“As duas têm um desejo insatisfeito, mas ela não sonha que não se realiza o desejo da amiga. Sonha que não se realiza o “seu desejo”, ou seja, sonha-se “identificada com a amiga” (...) O desejo insatisfeito, portanto, protege também do esmagamento da possibilidade de desejar, que pode sucumbir ao poder absoluto do Outro”. (Alonso & Fuks 2004, p. 206)

De acordo com Freud (1900), o sentido da identificação histérica não consiste apenas numa imitação ou contágio psíquico, ele tem mais elementos.

Se essa inferência fosse capaz de penetrar a consciência, é possível que desse margem a um medo de ter a mesma espécie de ataque. Mas de fato, a inferência se processa numa região psíquica diferente e conseqüentemente resulta na concretização do real do temido sintoma. (Freud 1900, p. 164)

A razão que fez com que determinada pessoa apresentasse um sintoma, pode ser parecido com a de outra. Ela não é consciente, e se justifica “numa assimilação baseada numa alegação etiológica semelhante; ela expressa uma semelhança e decorre de um elemento comum que permanece no

inconsciente”. A identificação com a amiga mostra que o que ela quer que aconteça com ela, também aconteça com a amiga.

Desta forma, na constituição dos sintomas histéricos têm a identificação como um aspecto importante. A imitação é apenas um caminho, e não a identificação propriamente. O ato psíquico é mais complexo, e aparece como:

“[...] apropriação na base da mesma reivindicação etiológica, que expressa um “igual a” e se refere a algo comum que permanece no inconsciente. Trata-se de uma “comunidade sexual”; neste caso, o “desejo do açougueiro”. No sonho, ela se põe no lugar da amiga e se identifica com ela mediante a criação de um sintoma, o desejo denegado”. (Freud 1900, p. 168)

A identificação neste caso é feita por um pensamento inconsciente onde:

“Um dos eus teria percebido no outro uma importante analogia num ponto, criando então uma identificação nesse ponto e, influída pela situação patógena, essa identificação se desloca ao sintoma que o primeiro eu produziu. A identificação pelo sintoma passa a ser, assim, o início de um ponto de coincidência entre os dois ‘eus’ que deve manter-se recalçado”. (Freud 1900, p. 101)

Este tipo de identificação ressalta a independência com relação ao investimento de objeto, onde “presta-se perfeitamente para explicar os laços que unem os membros da massa entre si”. (Ribeiro 2000, p. 63). Há aqui, portanto, um ponto de convergência com a questão das massas que Freud analisará em 1921 e que também veremos mais adiante, no capítulo 4. Antes vejamos como ela se manifesta em torno da primeira tópica.

3.2 – A identificação Primárias

Segundo Freud (1921), a identificação primária é uma identificação anterior a qualquer catexia de objeto. Ela desempenha um papel na pré-história do complexo de Édipo, onde, como por exemplo, o interesse do menino por seu pai, de ser como ele e tomá-lo como seu ideal, não tem a ver com uma conduta passiva ou feminina diante dele, e sim com um preparo do terreno

para o complexo de Édipo. Esse tipo de identificação é ambivalente e demonstra tanto o desejo de eliminação como de ternura.

A identificação Primária aparece em *Três Ensaio sobre a Sexualidade* (1905) e tem o sentido de incorporação. É nesse contato primitivo que há uma instauração do sujeito.

“A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a oral, ou, se preferirmos, canibalesca. Nela, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na incorporação do objeto – modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma de identificação, um papel psíquico tão importante”. (Freud 1905/1926, pg. 187)

De acordo com Alonso & Fuks (2004, p. 194), este tipo de identificação da pré-história primária, é para Freud uma identificação imediata, por não resultar em perda. É também direta, sendo anterior a qualquer catexia de objeto. Este tipo de identificação primária tem relação com a formação do caráter e é encontrada nos textos de Freud (1923) em *O ego e o id*:

(...) os efeitos das primeiras identificações, as produzidas na idade mais precoce, serão universais e duradouras. Isto nos reconduz à gênese do ideal do ego, pois atrás deste se esconde a identificação primária do indivíduo, a de maior valor; a identificação com o pai da pré-história pessoal. (Freud 1923/2011, p. 33)

A postura ambivalente da identificação no complexo de Édipo, de acordo com Freud (1921) comporta-se como um derivado da fase oral da identificação primária. Nesta fase oral da organização da libido, o que é incorporado pela alimentação e estimado, é aniquilado enquanto objeto. Ele compara este processo com o canibalismo:

“É sabido que o canibal permanece nesse ponto; tem uma afeição devoradora por seus inimigos, e não devora aqueles de quem não pode gostar de algum modo.” (Freud 1921/2011, p. 62)

Essas identificações primárias, anteriores a qualquer escolha de objeto, constituem uma base para as identificações narcísicas e edípicas e se construirão pelas identificações posteriores onde, de acordo com Miguelez (2007) “uma vez que a escolha de objeto se estabelece, pode ser substituída por uma identificação secundária, seguindo o caminho regressivo da identificação primária”.

3.3 – Identificações Narcísicas

Sobre o tipo de identificação narcísica, é encontrada na obra de Freud (1914) em *O Narcisismo: Uma introdução*. De acordo com Alonso & Fuks (2004), são maciças e produzidas por um mecanismo incorporativo e agem como pivôs “que transforma a catexia investida no objeto em componentes do psiquismo”. Nesse texto Freud trata do ego ter a possibilidade de manejar a libido de acordo com suas necessidades e se refere a uma passagem do autoerotismo ao narcisismo como uma nova ação psíquica.

“Estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos autoeróticos (pulsões autoeróticas), contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo” (Freud 1914/2011, p. 93)

Miguelez (2004) afirma que “é evidente que a identificação é um dos caminhos de transformação da libido objetal em libido narcísica”. Na tentativa de identificar o narcisismo dentro das doenças psíquicas, Freud percebeu que ele não aparecia somente em perversões e casos homossexuais, mas em maior abrangência, exigindo um lugar no desenvolvimento sexual humano. Observou algo comum em pacientes com esquizofrenia e que sofriam de neurose obsessiva e histeria: o afastamento da realidade. Nos casos da neurose, este afastamento era parcial e tinha relações eróticas mantidas na fantasia. Já nos casos de esquizofrenia ou parafrenias, como ele mesmo denominava, havia uma retirada do mundo externo com ligação direta ao eu.

Esta retirada ao mundo externo permitiu que ele fizesse analogias às crianças de sua época:

“Formamos assim a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto como um corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam”. (Freud 1914/2011, p. 17)

Segundo Freud (1914), foi com base nos casos de megalomania – manifestada através da superestimação do poder de desejos e atos psíquicos – que o narcisismo foi pensando de forma secundária, pois, a ampliação de algo já existente nesses casos, não era o suficiente para explicar algo que o parecia anteceder.

Para preceder o processo secundário pensou-se na existência do narcisismo primário. Nele, um investimento da libido da criança em si mesma acontecia de forma que sua própria escolha como objeto de amor proporcionaria a onipotência e a capacidade de se voltar para objetos externos posteriormente. Esta relação da libido com o Eu estava ligada com o autoerotismo e seria primordial na vida dela. Miguelez (2004) coloca de forma muito clara a diferença entre o narcisismo primário e secundário:

“O termo primário evoca uma série de outros: processo primário, recalque primário, identificação primária. Tal terminologia foi sempre empregada por Freud quando procurava tecer hipóteses a respeito das origens do aparelho psíquico. Neste sentido, foi necessário a ele supor um momento primeiro, no qual o narcisismo se constituía, para depois postular a possibilidade de retorno a ele. O narcisismo é secundário quando “nasce pela retirada das investituras de objeto”, embora seja “edificado sobre a base de um outro primário”. Nesse sentido, o narcisismo arguido na clínica das psicoses sempre será para Freud narcisismo secundário. O modelo da ameba e seus pseudópodes é convocado para exemplificar ambos os movimentos: do eu aos objetos (narcisismo primário), dos objetos ao eu (narcisismo secundário).” (Miguelez 2014, p. 87)

A função dupla da libido do eu e libido que se liga a objetos, sofria uma oposição, de forma que na diminuição de uma, a outra era potencializada e vice-versa. Esta oscilação do investimento da libido no eu, aparecia nos casos de enfermidades onde, a retirada de investimentos libidinais teria um retorno ao

eu e, somente após a cura teria seu destino. Freud (1914/2011, p. 27) faz uma comparação entre hipocondria e doença orgânica, de forma que “no último caso as sensações penosas se baseiam em mudanças demonstráveis, no primeiro não”.

Os investimentos da libido de objeto sofrem então, um represamento, da mesma forma que acomete a libido do eu. Esta última, com a tensão mais elevada, tem o desprazer como sensação e potencializada, passa a ter uma função e uma qualidade psíquica. Sua grandeza pode ultrapassar as fronteiras do narcisismo e colocar a libido em objetos, superando assim, os investimentos do eu com a libido. Desta forma, Segundo Freud (1914/2011, p. 19) “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar”.

Contudo, um desvio interno dessas excitações também pode acontecer, pois, quando não há uma capacidade de descarga externa, podem voltar-se da libido para objetos irrealis, e permanecer retido, como nos casos de megalomania.

Da mesma forma que por trás da libido de objeto, há a libido do eu, na escolha de objetos das crianças há a satisfação sexual erótica. Essa satisfação dos instintos do eu, precisou de nutrição por pessoas responsáveis por seus cuidados, de forma que este apoio tornou-se um primeiro objeto sexual da criança.

O tipo de apoio pode aparecer de formas diferentes no que se refere à escolha da criança, pois ao invés de utilizar o cuidador como fonte posterior de objeto de amor, pode utilizar a si mesma e dar a esta segunda forma, uma escolha de objeto narcísica.

Os caminhos da escolha, seja ela de apoio ou narcísica, têm em comum um narcisismo primário originalmente. O narcisismo primário, na suposição de Freud “contém uma das premissas de nossas teorias sobre a libido”, onde:

“(...) Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado”.
(Freud 1914/2011, p. 36)

Mais tarde pode ser expressa de maneira dominante em uma das duas formas na escolha de objeto.

No homem e na mulher esta escolha de objeto se diferencia de forma natural, porém, não universal. No homem, ela aparece mais completa, pois, diante da superestimação sexual (evidente por parte do objeto) surge um enamoramento que empobrece a libido do Eu e a dispõe ao objeto.

Já nos casos das mulheres há uma supervalorização sexual com a puberdade. Nesta fase, com o amadurecimento dos órgãos sexuais há uma aproximação do narcisismo original e um autocontentamento que desfavorece a escolha objetal. Freud (1914) afirma que “tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável a do amor dos homens por elas”.

Nesta combinação de fatores psicológicos, o narcisismo de um contribui com a escolha de objeto do outro exatamente por esta diferença de condição. Desta forma, os caminhos que a levam a escolha objetal podem ser:

(1) Em conformidade com o tipo narcisista:

- (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma),
- (b) o que ela própria foi,
- (c) o que ela própria gostaria de ser,
- (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma.

(2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação):

- (e) a mulher que o alimenta,
- (f) o homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar.

(Freud, 1914/2011, pg19)

No narcisismo primário, o eu e o isso são indiferenciados e servem de base para a constituição do eu, de forma que nele há uma concentração da libido. E, diante da repressão provida do eu, ou do amor próprio do eu, submete-se a essas exigências.

O eu submetido pelas exigências da cultura cria um padrão para si próprio da mesma forma que o homem abdica de seus impulsos diante das ideias culturais de sua época. O Eu, então, suprimido pela cultura contribui

para formação de um eu ideal, onde o amor de si mesmo – desfrutado pelo ego real – é deslocado e projetado fora de seu narcisismo substituído na infância.

A formação de um ideal aumenta as exigências do Eu, que sublimado em sua finalidade sexual, não é reprimido e sim direcionado. Sua satisfação promove o desenvolvimento do ego, o afastamento do narcisismo primário e um aumento da autoestima.

Enfim, o investimento pulsional do narcisismo é fundamental na compreensão da escolha objetal. Duas saídas possíveis para o sujeito interferem na formação do ideal: a escolha narcísica e a escolha de objeto por apoio. A primeira conduz a uma escolha de objeto parecido com o próprio sujeito e a segunda, com apoio na tendência conservadora da pulsão se direciona a objetos substitutos.

3.4 – Identificações Secundárias

As identificações secundárias se iniciam na relação triangular, e de acordo com Alonso & Fuks (2004) “sob a primazia fálica e num espaço psíquico que já processa a diferença dos sexos”. A diferença entre objeto de catexia amorosa e objeto de identificação é possível, e o destino dessa identificação pode ser perdido de vista e sofrer uma inversão no complexo de Édipo.

A escolha de objeto em relação ao pai e a identificação com ele têm significados diferentes. No primeiro caso, segundo Freud (1921), o menino gostaria de ser como ele, já no segundo, é o que gostaria de ter. “Depende, portanto, de que a ligação recaia no sujeito ou no objeto do Eu”.

“Percebe-se apenas que a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado como “modelo””. (Freud 1921/2011, p. 62)

No caso da inversão, o pai, numa postura feminina, é tomado como objeto onde os instintos sexuais esperam satisfação. A identificação então dá lugar à ligação objetal com ele.

Freud afirma no texto O Ego e o Id (1923) que a relação do Complexo de Édipo com a Castração contribui para o abandono dos desejos edipianos pela identificação. O complexo de Édipo, segundo Miguelez (2007), terá uma posição homossexual ou heterossexual – positivo e negativo simultaneamente.

“Tanto a partir do ego afetado pelas identificações primárias quanto a partir do superego constituído graças às identificações edipianas, constrói-se uma posição masculina ou feminina que possui uma história”. (Miguelez 2007, p. 64)

A identificação também pode aparecer numa formação neurótica de sintomas. Freud (1921) mostra que uma garota que desenvolve o mesmo tipo de sofrimento que sua mãe, incluindo o mesmo tipo de tosse, pode estar identificada com ela – como no complexo de Édipo – com o desejo de tomar seu lugar; ou, com o mesmo sintoma da pessoa amada, onde “a identificação tomou o lugar da escolha de objeto, e a escolha de objeto regrediu à identificação”. Neste caso, a escolha de objeto se tornou características do objeto.

“É digno de nota que nessas identificações o Eu às vezes copie a pessoa não amada, outras vezes a amada. Também nos chama a atenção que nos dois casos a identificação seja parcial, altamente limitada, tomando apenas um traço da pessoa-objeto” (Freud 1921/2011, p. 63)

Num outro caso de identificação há uma desconsideração da relação objetal com a pessoa imitada. Ela tem relação com o desejo de querer estar na mesma situação que a outra pessoa. Um exemplo dado por Freud é uma garota que recebe a carta de uma pessoa que lhe despertar ciúmes e tem um ataque histérico. As outras garotas também tem o mesmo ataque, pois gostariam de estar no lugar dessa garota e ter um amor secreto. A consciência de culpa pelo desejo faz com que aceitem o sofrimento que envolve esta situação. Desta forma, a compaixão vem somente depois da identificação.

Com esses exemplos de identificação, Freud (1921) os resume da seguinte forma:

“(…) primeiro, a identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto; segundo, por via regressiva ela se torna o substituto para uma ligação objetal libidinosa, como que

através da introjeção do objeto no Eu; terceiro, ela pode surgir a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais. Quanto mais significativo esse algo em comum, mais bem-sucedida deverá ser essa identificação parcial, correspondendo assim ao início de uma nova ligação”. (Freud 1921/2011, p. 65)

3.5 – A saída do Édipo por identificação

Como já vimos, é pela identificação com os objetos que efetivamos as ligações com outras pessoas. A ligação, que foi aprofundada no item anterior se estabelece de tal forma que a busca de um ideal substitui seu narcisismo original.

É no complexo de Édipo que a saída por identificação se estabelece e nos apontamentos de Freud (1923) ocorre um abandono dos desejos edipianos pelo caminho na identificação. Este caminho é uma condição para o abandono do objeto de desejo e a instauração do Super-eu. As catexias objetais são substituídas pelas identificações e instaurando a proibição do incesto.

O Complexo de Édipo faz parte do desenvolvimento e da condição humana. Aparece nos textos de Freud sobre *Totem e Tabu* (1913) com a proibição do incesto e uma instauração de moral social. Ele tem importância fundamental na descoberta da psicanálise como também no surgimento da cultura e no núcleo familiar.

A teoria do Complexo de Édipo teve seu material extraído dos sonhos dos pacientes e as fantasias que apresentavam, onde:

[...] os sintomas neuróticos não estavam diretamente relacionados com fatos reais, mas com fantasias impregnadas de desejos, e que, no tocante à neurose, a realidade psíquica era de maior importância que a realidade material.” (Freud, 1977, p. 48)

Este texto aborda as relações dentro de um totem e as leis que nele regem (tabu). O pai da horda, detentor do poder e das mulheres do clã desperta nos filhos o ódio, pois seu poder os revela a interdição de seus

próprios desejos. Num momento de ódio, os filhos o matam, bebem seu sangue e comem sua carne, declarando assim, o parricídio e o incesto.

A ambivalência de sentimentos se torna presente e traz a subjetividade existente para toda sociedade posterior, pois o pai que amam é o mesmo pai que os interditava. Uma parte deste sentimento é tomada pela culpa, enquanto a outra pela significação que a ingestão do sangue lhes trouxe.

No que se refere à castração, a diferença sexual entre homens e mulheres instaura uma ameaça. Pois de antemão, inicialmente todos têm um pênis, meninos e meninas, mas em meninas, o pênis irá crescer enquanto que nos meninos, o pênis será cortado. Em ambos os casos, há uma ameaça de perda e uma evidência do poder que o pênis acomete. Tal poder tem o sentimento de inveja nas meninas por não o possuírem.

Novamente dos deparamos com duas representações, a de que há uma diferença entre os sexos e a de que há uma ameaça de castração. A castração no menino é temida pelo pai, que tem o objetivo de afastá-lo da mãe e acontecerá se isso não ocorrer. Esta ameaça juntamente com a identificação com o pai o movimenta para um ideal de ego, contribuindo para sua saída do triângulo amor. Já na menina, o triangulo se inicia neste momento.

Na menina a questão é outra, pois a ausência do falo é representada pela posse ou não dele. Esta ausência marcaria a inveja por não ser qualificada e completa. O caminho para ela, segundo Freud (1924) teria três desdobramentos, onde o primeiro levaria a histeria e sua frigidez. O segundo a um processo identificatório homossexual com a figura masculina por possuírem o falo e, o terceiro se representaria na feminilidade através da gestação de um filho. Este seria a representação de um falo.

4 – A identificação na massa

As influências com as quais o indivíduo se depara ao longo da vida tem relação com sua inserção social. Como apontado anteriormente, a escolha de objeto por apoio ou narcísica contempla não só a existência de objetos externos como também seu uso.

A compreensão do indivíduo dentro da sociedade e o papel que esta exerce sobre ele fez com que Freud (1921), sobretudo em “Psicologia das Massas”, não pensasse numa análise puramente individual e sim numa psicologia social.

O entendimento da psicanálise sobre a relação do indivíduo com a sociedade aparece no primeiro capítulo de *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), onde segundo Freud:

“O contraste entre psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que a primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de despertar as relações desse indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mais inteiramente justificável das palavras é ao mesmo tempo também psicologia individual”. (Freud 1917, pg. 134)

Ao longo da vida, a relação que mantém com os objetos de apoio, como pais, irmãos, professores, e pessoas elegíveis pelo sujeito contribui para uma investigação dentro da psicologia social do qual ele é membro. A onipresença do outro na experiência subjetiva deixa um registro no sujeito equivalendo à psicologia individual e social.

A relação mútua da massa e do indivíduo compromete sua particularidade da mesma forma que, segundo Freud “na massa o indivíduo

esta sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes” (1921).

A pré-disposição do indivíduo diante da massa também contribui para as manifestações dos impulsos inconscientes, como também para consciência moral ou medo social. E, o enfraquecimento da consciência frente sua força diminui seu discernimento e sua vontade contribuindo, para uma submissão sugestionada. A massa, por sua vez, tem sua força e, por consequência uma vantagem moralizante sobre o indivíduo.

Diante da massa, a mudança que um indivíduo é acometido resulta em múltiplas identificações e, através dela, segundo Enriquez (1999, p.76) “é marcada a extrema diferenciação da sociedade moderna”. Na sociedade arcaica, é diferente, pois a submissão diante da lei não permite saída, senão morrer. Os efeitos neste último caso tem influência na vida do sujeito, onde:

“Sua afetividade é extraordinariamente intensificada, sua capacidade intelectual claramente diminuída, ambos os processos apontando, não há dúvida para um nivelamento com outros indivíduos da massa; resultado que só pode ser atingido pela supressão das inibições instintivas próprias de cada indivíduo e pela renúncia às peculiares configurações de suas tendências”. (Freud 1921/2011, p. 39)

A organização das massas, então, contribui para uma transformação anímica do indivíduo de forma que seus instintos de autopreservação não dão conta desses fenômenos. Por isso, Freud (1921/2011, p.40) se aprofundará na sugestão onde mais tarde denomina de imitação, onde enfatiza que: “a imitação se inclui no conceito de sugestão, é justamente uma consequência dela”.

Sobre a sugestão, e as condições de sua influência não houve um fundamento lógico e esclarecimentos. Freud então, não se ateve ao seu conceito com maior profundidade e sim ao conceito de libido. Sobre a libido, ele refere como “uma expressão proveniente da teoria da afetividade”.

“(...) denominamos a energia, tomada como grandeza quantitativa (...) desses instintos relacionados com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra amor”. (Freud 1921/2011, p. 43)

Desta forma, sua importância está na base deste amor, que de um lado cultua-se um amor a si mesmo e do outro, aos pais, filhos, objetos concretos e ideias abstratas. A investigação da psicanálise ensina que todas teriam como expressão os mesmos impulsos instintuais que:

“(…) nas relações entre os sexos impelem à união sexual, e que em outras circunstâncias são afastados dessa meta sexual ou impedidos de alcançá-la, mas sempre conservam bastante da sua natureza original, o suficiente para manter sua identidade reconhecível (abnegação, busca de aproximação)”. (Freud 1921/2011, p. 43)

Na psicanálise, esses instintos amorosos são chamados de instintos sexuais e como hipótese, Freud (1921) o atribui como a condição da essência da alma coletiva. Ele atribui a união da massa a um poder que pode ser o Eros, pois o abandono da peculiaridade do indivíduo e a permissão para que seja sugestionado está ligada a uma necessidade dele de estar de acordo “e não em oposição a eles, talvez, então, “por amor a eles””.

Sobre a formação das massas, Freud (1921) refere alguns tipos: passageira, duradouras, homogêneas, heterogêneas, organizadas, entre outras. No entanto, ele se atém as massas com líder e sem líder iniciando, um aprofundamento em sua organização, durabilidade e artificialidade. Como exemplo ele utiliza a Igreja (comunidade dos crentes) e o Exército (forças armadas) e onde se justificam pela coação externa que é empregada para evitar a dissolução de ambas.

De acordo com Freud (1921), nesse tipo de massa “não se pergunta a alguém, ou não lhe é dada a escolha, se deseja ou não ingressar numa massa desse tipo”. Há uma determinação das condições, desestímulo do desligamento e por consequência uma proteção da dissolução. Em ambas – Igreja e Exército – existem uma simulação de que um chefe supremo ama a todos com o mesmo amor e se essa ilusão for abandonada haveria uma dissolução.

A ligação com o líder dentro da psicologia da massa – escolhido como objeto de estudo por Freud (1921) num primeiro momento – esclarece “o principal fenômeno da psicologia das massas, a ausência de liberdade do

indivíduo na massa”. Com isso, duas direções na ligação afetiva derivada da mudança e da personalidade limitada.

O fenômeno do pânico também contribui para as ligações libidinais da massa, pois diante dele, a massa se desintegra e as pessoas passam apenas a cuidarem de si mesmas, liberando assim, uma angustia sem sentido.

“Se o indivíduo, tomado de angústia pânica, passa a cuidar apenas de si mesmo, demonstra haver compreendido que cessaram as ligações afetivas que até então minoravam para ele o perigo. Agora que se defronta sozinho com ele, pode certamente estima-lo mais”. (Freud 1921/2011, p. 50).

Desta forma, segundo Freud (1921), diante do pânico há um afrouxamento da estrutura libidinal da massa dando ao indivíduo “uma reação de modo justificado, e não o contrário, que as ligações libidinais da massa sejam destruídas pelo medo do perigo”.

Sobre os tipos de pânico, Freud (1921) cita dois tipos: o medo provocado pelo perigo e o medo da interrupção dos laços afetivos. Este último se refere à angústia neurótica. Ambos afetam a todos pela intensificação do perigo e podem significar a desintegração da massa; “ele acarreta o fim de todas as considerações que os indivíduos da massa demonstram uns pelos outros”.

Sobre a desintegração da massa religiosa, Freud (1921), cita que não é o medo, “para o qual não há ensejo, mas impulsos implacáveis e hostis contra as outras pessoas, que devido ao amor comum a Cristo não se haviam manifestado até então”. Para que se denomine a religião do amor:

“(…) tem de ser dura e sem amor para com aqueles que não pertencem a ela. No fundo toda a religião é uma religião de amor para aqueles que a abraçam, e tende a crueldade e à intolerância para com os não seguidores.” Freud 1921/2011, p. 54)

Essa forma de exclusão a quem não faz parte da “religião” também pode aparecer dentro da instituição, pois muitas vezes o cursinho é visto como um preparatório para um caminho unicamente certo, aceito e valorizado. A

hostilidade aparece nos dias de provas quando os alunos se apresentam com camisetas de várias instituições preparatórias como uma afirmação narcísica.

“Observa-se, portanto, que quanto mais o mundo é unificado por uma economia de mercado, e, portanto pelas ilusões de uma universidade enganadora, mais a afirmação narcísica progride, como manifestação de uma pretensão do eu de se diferenciar da massa para melhor se adaptar a ela: movimento estranhamento paradoxal”. (Roudinesco 2006, p. 129).

De acordo com Freud (1921), essas antipatias e aversões com estranhos reconhece um amor a si próprio, ou seja, um narcisismo “que se empenha na afirmação de si”. A ocorrência do desvio relacionado ao desenvolvimento individual do sujeito acarretaria uma crítica com incitação a muda-lo. Neste caso, há uma prontidão para o ódio.

No entanto, quando o indivíduo está inserido na massa, a intolerância desaparece e se conduz na homogeneidade suportando a diferença do outro. Esta limitação ao narcisismo é explicada pela ligação libidinal às outras pessoas, onde segundo Freud (1921/2011, p. 58): “O amor a si encontra limite apenas no amor ao outro, amor aos objetos”.

De acordo com Freud (1921) a limitação do narcisismo também não acontece nos casos de colaboração ao outro sem ligação libidinal, pois é com ela que se estabelecem as ligações libidinais prolongadas. O mesmo acontece nas relações sociais, onde:

“A libido se apoia na satisfação das grandes necessidades vitais e escolhe como seus primeiros objetos as pessoas que nela participam. Tal como no indivíduo, também no desenvolvimento da humanidade inteira é o amor que atua como fator cultural, no sentido de uma mudança do egoísmo ao altruísmo”. (Freud 1921/2011, p. 59)

Na massa, os instintos sexuais não são considerados, ou seja, estão desviados de sua meta e envolvem certa diminuição do Eu. Eles são considerados como graus de enamoramento e são estudados por Freud (1921) na esperança de encontrar condições de ligações existentes na massa.

Desta forma, quanto mais um indivíduo se coloca no grupo, mais ele se envolve com obrigações, trocas e sente-se unido a um líder e companheiros.

Isso possibilita um afastamento da neurose, pois ele abandona a si mesmo. Segundo Enriquez (1999, p.76-77), “um neurótico é obrigado a substituir por suas próprias formações de sintomas as grandes formações de grupo de que se acha excluído”. Quanto mais preferências ele tem, mais obrigações de escolhas, de resoluções de conflitos relacionados aos papéis e de cumpri-los respeitosamente dentro das diversas organizações sobre as quais pertence. Em termos freudianos, “a se dividir entre diferentes ideais do ego aos quais ele gostaria de ser simultaneamente fiel e a viver contradições em seu ego”.

Por fim, no processo civilizador, mesmo diante da diversidade de escolhas, os valores são os mesmos. Então, o ego é obrigado a curva-se diante deles sem poder transgredir as interdições. As tensões intoleráveis geradas pelo ideal do ego levam ao sentimento de culpa e abrem as portas para neurose. Uma vez instalada a formação coletiva, maior os ideais, poder de coerção e exigências.

Considerações Finais

A realização desse trabalho me permitiu um aprofundamento da teoria freudiana e uma articulação com seus comentadores em torno de temáticas sobre o mal estar contemporâneo. Percorrer os principais momentos de elaboração do conceito de identificação tanto na primeira tópica como na segunda, me deram a possibilidade de perceber o quanto ele se transforma e ganha significados ao longo da obra freudiana, bem como essas identificações operam na relação com a massa.

A vivência existencial consciente e inconsciente do sujeito dentro de um modelo cultural se estabelece na diversidade e permite que esses jovens tenham uma singularidade na massa. A observação clínica que me lançou nessa investigação, ou seja, o questionamento da identidade diante de escolhas acadêmicas e a angústia que o acompanha mostram muitas vezes que, neste contexto, pode haver uma supervalorização da competitividade baseada unicamente no sucesso material contribuindo, através da força da massa, a uma entrega voluntária no lugar do enfrentamento dos sofrimentos mais íntimos. Os ideais e os valores sustentados pela cultura oferecem um caminho de satisfação que podem compensar diante da renúncia. Então, o trabalho como um campo de afirmação subjetiva, nesse aspecto, pode ficar empobrecido.

Outro aspecto aparece na demanda dos jovens que buscam o curso. Muitos não encontraram seus ideais, estão apenas fazendo o processo seletivo acompanhados de pessoas conhecidas, de suas relações pessoais. Os motivos que o levaram até lá são vagos e pautados na indicação de outro. Desta forma, esses alunos normalmente não parecem atentos para as suas próprias dificuldades, pois não é uma escolha pessoal. As dificuldades apresentadas num primeiro momento ficam associadas à dinâmica da sala de aula. A preocupação volta-se para o interesse coletivo, enquanto as questões individuais referentes a conteúdo e mesmo sua futura posição diante da sociedade ficam no plano secundário.

Quando os primeiros interesses aparecem, também são pautados na figura do professor, que na sua maioria pertencem ao curso de medicina e

biomedicina. Na manifestação sobre os motivos que o levaram a essas escolhas, prevalece a fantasia com a pessoa que está diante dele e é tida como referência para toda sala, que não necessariamente contempla uma identificação com a profissão.

Cabe destacar que, nesse universo observado, os pais desses alunos majoritariamente não possuem formação universitária, alguns possuem condições financeiras precárias e trajetórias marcadas por insucessos profissionais. Contata-se ainda que alguns pais ignoram as possibilidades e contribuições que esse curso pode oferecer para o seu filho. Nesse sentido, sem o amparo necessário das figuras parentais, muitos acabam por identificar-se com o professor, desencadeando uma relação transferencial onde este é inconscientemente colocado em uma posição parental.

Compreendi, portanto, como os processos identificatórios se fundam e passam por diversas posições para ocupar um lugar na história singular e de realização através do seu desejo. O Eu de cada indivíduo, por sua vez, não é o dono de sua construção, estando determinado pelas leis do inconsciente que lhe escapam.

Assim é possível dizer que a reflexão feita ao longo desta monografia me permitiu compreender que uma escuta analítica, tomada na relação transferencial, pode possibilitar ao sujeito experimentar a possibilidade de ressignificar suas relações passadas e redirecionar as futuras assim como seus sintomas de maneira que lhe favoreça.

Bibliografia

ALONSO, Silvia Leonor e FUKS, Mario Pablo. *Histeria*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

CROMBERG, Renata Uldler. *Cena incestuosa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

CUNHA, Eduardo Leal. *Indivíduo singular plural: a identidade em questão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

CUNHA, Eduardo Leal. Uma leitura freudiana da categoria de identidade em Anthony Giddens. *Ágora (Rio J.)* [online]. 2007, vol.10, n.2, pp. 171-186. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982007000200002>.

ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado. Psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FREUD, Sigmund. (1913). Totem e Tabu, in *Obras completas*, vol. 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1914) Introdução ao Narcisismo, in *Obras completas*, vol. 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

_____. (1915) O inconsciente in *Obras completas*, vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

_____. (1921). Psicologia das Massas e Análise do Eu, in *Obras completas*, vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1923) O eu e o id, in *Obras completas*, vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana 2*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

MIGUELEZ, Oscar M. *Narcisismos*. São Paulo: Escuta, 2007.

RIBEIRO, Paulo de Carvalho. *O Problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta, 2000.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A Análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.